

Cidades inteligentes: por que, para quem?

Lucia Santaella¹

SANTAELLA, Lucia (Org.). *Cidades inteligentes: por que, para quem?*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. 239 p.

Resenha por Thiago Mittermayer²

O livro *Cidades inteligentes: por que, para quem?* é fruto do programa de incentivo e apoio à publicação de coletâneas (Pipeq) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A publicação também surgiu de um evento realizado em 8 de dezembro de 2015 pelo programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) em parceria com o grupo de pesquisa *Sociotramas*. Vale mencionar que este é o terceiro livro lançado pelo grupo de pesquisa. O primeiro livro publicado foi *Sociotramas: estudos multitemáticos sobre redes digitais* (2014) e o segundo *A onipresença dos jovens nas redes* (2015). No *evento que precedeu o livro Cidades inteligentes*, os autores tiveram a oportunidade de apresentar ao público a primeira versão do que seria os capítulos. A obra conta com a apresentação da organizadora e mais treze capítulos. Longe de examinar a fundo cada capítulo, a presente resenha procura mostrar um recorte sucinto das principais questões levantadas pelos autores.

Na apresentação, Santaella demarca que a finalidade da obra é esclarecer as razões pelas quais as cidades estão se tornando inteligentes e compreender a quem essa inteligência se dirige. Santaella (2016, p. 10-11) escreve “o alvo não deve ser apenas aquilo que a cidade inteligente traz, mas sim, para quem ela o traz”. A pesquisadora relembra que internacionalmente as cidades inteligentes são nomeadas de *smart cities*.

¹ Lucia Santaella é pesquisadora 1A do CNPq e professora titular da PUC-SP. Publicou 42 livros e organizou 15, além da publicação de mais de 300 artigos no Brasil e exterior. Recebeu quatro vezes os prêmios Jabuti, bem como o prêmio Sergio Motta e o prêmio Luiz Beltrão. E-mail: lbraga@pucsp.br.

² Thiago Mittermayer é doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, PUC-SP. Nesse programa de pós-graduação obteve o título de mestre (2016) com a dissertação: *Narrativa transmídia: uma releitura conceitual e prática sob orientação de Lucia Santaella*. É graduado (2014) em Tecnologia e Mídias Digitais pela PUC-SP e é integrante dos grupos de pesquisa *Sociotramas* e *TransObjeto*. E-mail: thimitter@gmail.com.

O primeiro capítulo é *Cidades como ambientes cognitivos* e foi escrito por Patricia Fanaya. Em sua argumentação, a autora relembra a analogia de Steven Johnson de que as cidades são como os organismos vivos. A preocupação de Fanaya é a reflexão de como as cidades inteligentes são ambientes cognitivos.

Santaella escreve o segundo capítulo intitulado *As ambivalências das cidades inteligentes*. Aqui a pesquisadora tem por objetivo pensar no que se ganha e no que se entrega às cegas quando cogitamos viver em uma “cidade senciente”. Ao longo do texto Santaella discute os aspectos visíveis e invisíveis das cidades inteligentes e relaciona as *smart cities* com os efeitos do big data.

A inteligência na sociedade positiva: dos humanos às cidade é o título do capítulo de Marcelo de Mattos Salgado. O autor cumpre com uma importante função na obra que é a de fundamentar o que os humanos entendem por inteligência. Salgado ainda questiona se podemos utilizar a mesma noção de inteligência para humanos e para as coisas criadas por estes. Outro ponto levantado é acerca da sociedade positiva, conceito formulado por Byung-Chul Han.

O título do quarto capítulo é *Cidades inteligentes ou cidadãos pensantes? Entre a eficiência máxima e o bem comum*. Escrito por este que vos escreve e em coautoria com Marcus Bastos, o trabalho aponta os possíveis desdobramentos da utilização de tecnologias digitais inteligentes no espaço urbano. O que é inteligência; a relação entre computação ubíqua e cidades inteligentes; a cidade como sistema complexo; e o fenômeno de emergência realizado por cidadãos pensantes são outras temáticas exploradas.

Na sequência, Ana Maria Di Grado Hessel e Fabio de Paula Assis Junior escrevem *Paradoxos no espaço urbano: a vigilância e o papel da arte*. À luz da teoria da complexidade, os autores correlacionam as *smart cities* com as seguintes questões circunvizinhas: vigilância, sociedade em rede e arte pública.

O sexto capítulo é de Fernando Perez de Britto. Intitulado *Cidades inteligentes: resiliência e setor privado*, o autor apresenta uma visão panorâmica dos principais acordos internacionais que buscam alterar a forma pela qual as pessoas se relacionam e vivem com o planeta. Britto destaca que pela primeira vez problemas climáticos, sustentáveis e de redução de risco de desastres foram interligados. No fim do texto, o

autor explica o que vem a ser o projeto *Making Smart Cities*, uma iniciativa da empresa AI Systems Research Ltda.

Resiliência nas cidades inteligentes: potencial, limites e desafios é o capítulo de Cilene Victor e Kalyinka Cruz-Stefani. As autoras colocam que o problema das cidades inteligentes não é um modismo e sim uma questão de sobrevivência. Victor e Cruz-Stefani ainda exibem um breve histórico das ações de construções de cidades resilientes e um levantamento sobre algumas tecnologias auxiliares no gerenciamento de crises.

Stella Hiroki é a responsável pelo capítulo *Cingapura: educação e inovação em uma smart city*. Este é o primeiro trabalho do livro que exhibe um estudo de caso sobre uma cidade inteligente na prática. A autora reflete a definição de cidade inteligente da união europeia e o conceito de *smart pepole*. Por fim, Hiroki avisa que uma *smart city* não deve ser sinônimo de perfeição, mas sim de uma cidade que oferece interação entre habitantes e espaço público e que promove resiliência.

O nono capítulo — *São Paulo: limites e perspectivas para uma cidade inteligente* — foi redigido por Angélica T. Benatti Alvim e Lucia M. Machado Bógus. Na ocasião, as autoras pretendiam analisar as desigualdades socioespaciais presentes em São Paulo e como as diretrizes do Plano Diretor Estratégico de 2014 podem contribuir no desenvolvimento urbano.

O capítulo *São Paulo, nos percursos de uma inteligência sensível* de Ana Claudia de Oliveira investiga o mesmo município do texto anterior. Entretanto, a autora explora as múltiplas características da cidade e sugere uma certa inteligibilidade sensível da capital. Oliveira utiliza como referências Algirdas Julius Greimas, Eric Landowski, Eugênio Trivinho, entre outros.

Patricia Huelsen e Marcelo Graglia assinam *Praças inteligentes: valorização do patrimônio*. O décimo primeiro capítulo passa por questões como: o público e o privado; população e número de veículos em São Paulo; praça pública do passado ao presente; valorização do patrimônio; e praças inteligentes como praças vivas, seguras, saudáveis e sustentáveis.

#OcupeEstelita: da cidade inteligente ao cidadão inteligente é o penúltimo texto. Maria Collier de Mendonça, Eduardo D'Ávila de Faria e Fábio Mosaner são os autores.

Após uma fundamentação teórica sobre o termo *smart city* e cidadão inteligente, os autores esclarecem os direitos urbanos e examinam detalhadamente o movimento #OcupeEstelita que aconteceu no Recife. É interessante notar como os autores identificam as ações dos cidadãos inteligentes dentro do movimento.

Jogos móveis locativos: apropriação do espaço urbano de Patrícia M. F. Coelho é o último capítulo do livro. Com a atenção total voltada para discussão das cidades pelo olhar dos games, Coelho argumenta a respeito das principais características dos games locativos, a ligação entre lúdico e sedução e a espacialidade da cidade na narrativa do jogo.

De forma sucinta vimos as principais questões de cada capítulo. É difícil eleger o ponto mais alto e o mais baixo do livro. Ainda mais quando quem escreve a resenha foi um autor convidado. Alguns podem dizer até que meus comentários são suspeitos. Entretanto, vou arriscar mesmo assim. O clímax do livro está no conjunto, isto é, cada capítulo complementa alguma brecha deixada por outro capítulo. É claro que há buracos, sempre há. Mas, as forças do livro estão na interdisciplinaridade dos autores e na interconexão das discussões. Esses são os poderes dos livros organizados por Lucia Santaella. Enquanto ao ponto baixo da obra? Caro leitor, você terá de ler e me dizer.